

# INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO NA MESORREGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ: IMPLANTAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E PERSPECTIVAS

## INDUSTRIA DE LA CONFECCIÓN EN LA MESORREGIAO SUDOESTE DEL PARANÁ: IMPLANTACION, DESARROLLO Y PERSPECTIVAS

Sonia Mar dos Santos MIGLIORINI<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo, que apresenta parte dos resultados da pesquisa de mestrado realizada pela autora e defendida em 2007 junto ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Paraná – UFPR, tem como objetivo identificar os fatores que condicionaram a implantação da indústria de confecção na Mesorregião Sudoeste do Paraná e suas perspectivas. A metodologia utilizada para desenvolver a presente pesquisa foi aplicação de questionário de pesquisa orientado para a identificação das fontes das vantagens competitivas da indústria de confecção na região de estudo, com base na bibliografia disponível sobre os condicionantes da competitividade. Como conclusão, apresenta um conjunto de fatores que influenciaram na implantação e desenvolvimento da indústria de confecção na Mesorregião e avalia as perspectivas dessa indústria regional com base no estudo de suas vantagens competitivas.

**Palavras-Chave:** indústria de confecção, vantagens competitivas, região Sudoeste.

El actual artículo que presenta la parte de los resultados de la investigación del mestrado de llevado a través por el autor y de defendido en 2007 al lado del programa de la Después-graduación de la universidad federal de Paraná - UFPR tiene para que el objetivo identifique los factores que habían condicionado la implantación de la industria de las confección en el Mesorregião al sudoeste del Paraná y de sus perspectivas. La metodología usada para desarrollar la actual investigación era uso del cuestionario de la investigación dirigido para la identificación de las fuentes de las ventajas competitivas de la industria de las confección en la región del estudio, en base de la bibliografía disponible sobre los condicionantes de la competitividad. Como conclusión, presenta un sistema de los factores que habían influenciado en la implantación y el desarrollo de la industria de las confección en el Mesorregião y evalúa las perspectivas de esta industria regional en base del estudio de sus ventajas competitivas.

**Palabra-Llave:** industria de la confección, ventajas competitiva, región al sudoeste.

---

<sup>1</sup>Graduada e licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE; mestra em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR; Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. Email: snmiglorini@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A indústria de confecção, por exigir pouco nível tecnológico e pequeno investimento de capital, é um dos setores que mais cedo se desenvolveu no País e, por conta dessa característica, em muitas regiões, assim como ocorreu no início da industrialização do Brasil, essa indústria é a precursora do processo de industrialização. Nesse contexto está a Mesorregião Sudoeste do Paraná, área de estudo desta pesquisa, onde a indústria de confecção foi uma das primeiras a se desenvolver e atualmente é um dos setores industriais com maior importância econômica da Região, em termos de geração de emprego e renda. Nos últimos anos, especialmente a partir da década de 1990, a indústria de confecção regional vem crescendo aceleradamente tanto em número de unidades industriais, com um crescimento de 304% entre 1990 e 2006, quanto em escala de produção e comercialização.

Este artigo tem como objetivo principal analisar os fatores que condicionaram a implantação e desenvolvimento da indústria de confecção da Mesorregião Sudoeste do Paraná após 1970 e suas perspectivas. O artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução. Na primeira realizou-se uma análise sobre a metodologia utilizada nos estudos da competitividade sistêmica, seus conceitos e modelos, com o propósito de destacar os fatores sistêmicos que influenciam a competitividade das empresas que operam na indústria têxtil, bem como os fatores que influenciam a escolha do local para a implantação dessa indústria, especialmente da indústria de confecção. A competitividade da indústria de confecção, especificamente, foi abordada na segunda seção, que tem como base os modelos apresentados na seção primeira. Já na terceira seção, realizou-se uma abordagem sobre a implantação e desenvolvimento da indústria de confecção na Mesorregião Sudoeste do Paraná, com o objetivo de resgatar a origem da referida indústria e seu processo de formação e transformação. Os fatores que condicionaram a implantação da indústria de confecção na Mesorregião Sudoeste e, as perspectivas desta indústria foram analisadas na quarta seção. As considerações finais são apresentadas na quinta e última seção.

## COMPETITIVIDADE SISTÊMICA: CONCEITOS E MODELOS

Desde a reestruturação produtiva, nas décadas de 70 e 80, o tema da competitividade tornou-se bastante freqüente no debate econômico. Com as transformações econômicas dos anos 80 e 90, a partir da globalização econômica, paulatinamente, a tradicional visão de competitividade foi suplantada à medida que foram ampliando-se os elementos constitutivos da capacidade de competir das nações.

Segundo Porter (1989, p.48/49), há duas estratégias competitivas básicas para uma indústria: o enfoque de custos e a diferenciação do produto. A vantagem competitiva de qualquer uma dessas duas estratégias traduz-se em produtividade superior à dos concorrentes. De acordo com o referido autor, para que uma indústria obtenha vantagens competitivas sobre seus concorrentes é necessário oferecer um produto comparável com aos produtos de seus concorrentes, mas desempenhar as atividades com mais eficiência do que esses (menor custo) ou, então, oferecer um produto muito melhor, que crie maior valor para o comprador e assim obter preço maior (diferenciação).

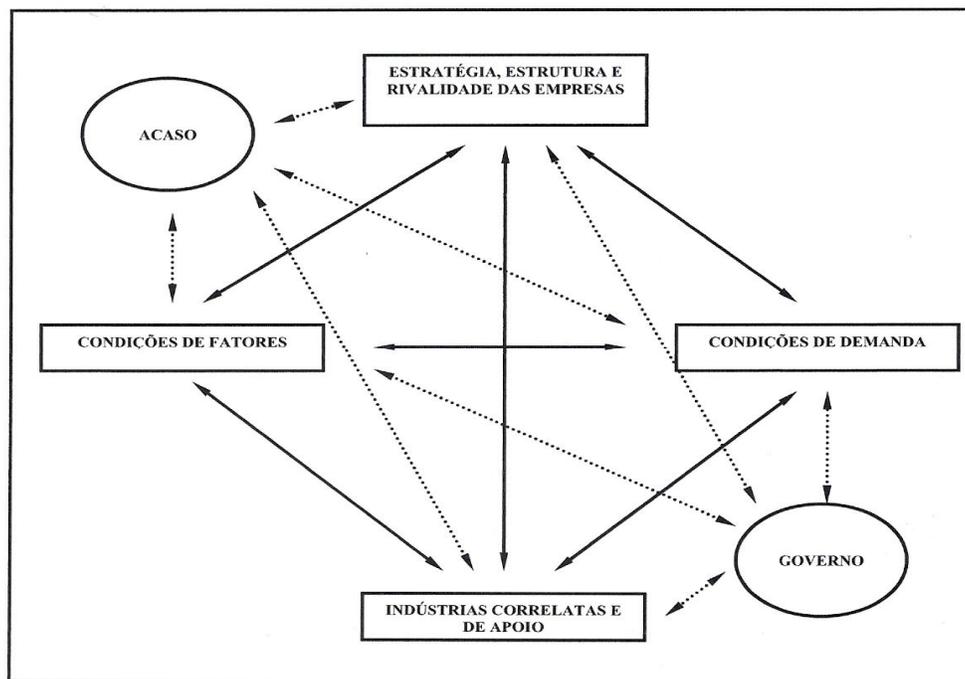
Além dos esforços individuais de cada indústria para obter um produto competitivo no mercado, há ainda outros fatores que influenciam seu sucesso ou fracasso nessa busca. Aí entram os fatores locacionais e a influência exercida pelo meio sobre as indústrias, que são tão importantes na busca da vantagem competitiva quanto os esforços individuais de cada indústria.

Porter (1998), após ter sistematizado os estudos de várias indústrias de dez nações diferentes, classificou quatro atributos que, individualmente ou como um sistema, constituem o diamante<sup>2</sup> da vantagem competitiva de uma nação, e acrescentou a esses mais dois fatores que afetam a competitividade das indústrias, tanto de forma negativa quanto positivamente: o papel do acaso e o papel do governo, conforme a figura 01. Segundo o próprio autor, esses atributos podem ser facilmente aplicados em unidades políticas ou geográficas menores que um país, como um estado, região ou uma cidade.

---

<sup>2</sup> “Diamante” é a expressão usada por Porter para referir-se aos determinantes como um sistema (1989, p.88).

**Figura 01 – Determinantes da Vantagem Nacional: o sistema completo**



Fonte: PORTER, 1989, p.146.

Nota: As setas com linhas pontilhadas representam a influência de um fator sobre o outro nem sempre explícita, mas nem por isso deixa de ser relevante no desempenho competitivo das indústrias.

a) **Condições de Fatores** – são os insumos necessários para a indústria competir. Engloba desde infra-estruturas básicas como transporte, energia, telecomunicações, assistência médica, incluindo, ainda, disponibilidade de casa, instituições culturais e os atrativos de um país que afetam a qualidade de vida, passando pela oferta de mão-de-obra habilitada; abundância, qualidade, disponibilidade e acessibilidade dos recursos naturais; abarcando, ainda, os centros de pesquisas universitários e os recursos de capital que se resumem na capacidade econômica e garantias que um país dispõe para o financiamento e investimento nas indústrias.

b) **Condições de Demanda** – determina a natureza da demanda interna para os produtos e serviços de um país. Ou seja, determina o rumo e o caráter de melhoria e inovação pelas indústrias do país. Nesse determinante há três atributos gerais significativos: composição da demanda interna – natureza das necessidades

do comprador - tamanho e padrão de crescimento e mecanismos pelos quais a preferência interna é transmitida aos mercados estrangeiros.

c) **Indústrias Correlatas e de Apoio** – refere-se à presença, no país, de indústrias fornecedoras e de apoio<sup>3</sup> que sejam internacionalmente competitivas; estas podem proporcionar insumos mais eficazes em termos de custos e de modo rápido, antecipado e até preferencial. Nesse atributo, a vantagem competitiva surge da estreita relação entre os fornecedores mundialmente competitivos e a indústria.

d) **Estratégia, Estrutura e Rivalidade das Empresas** – é o contexto no qual as firmas são criadas dentro de um país como: condições econômicas, institucionais, culturais e jurídicas de um país bem como a rivalidade das empresas. Os rivais locais pressionam-se mutuamente para melhorar a qualidade dos produtos e serviços, reduzir custos, criar novos produtos e processos.

Já ao acaso são atribuídos aqueles acontecimentos puramente casuais, fortuitos, que pouco têm a ver com as circunstâncias de um país e que, em grande parte, estão fora do alcance das indústrias e até do governo nacional, mas que podem prejudicar ou beneficiar o desempenho das indústrias.

Ao governo, na concepção de Porter, cabe o papel de influenciar os quatro determinantes, através das políticas nacionais. O governo pode influenciar e ser influenciado por cada um dos quatro determinantes, positiva ou negativamente: as condições de fatores são afetadas por meio de subsídios, políticas para o mercado de capital, políticas educacionais, conhecimentos científicos básicos e informações econômicas ou infra-estrutura; sobre as condições de demanda, as políticas governamentais têm-se centralizado tradicionalmente na influência sobre a quantidade geral de demanda interna, através do dispêndio governamental, ou na manipulação da disponibilidade ou custo de crédito.

Na concepção de Porter, o papel do governo é bastante limitado em sua contribuição para criar vantagem competitiva. Para o autor, embora o governo tenha importante influência sobre a vantagem competitiva nacional, seu papel é parcial. “A política governamental falhará se continuar sendo a única fonte de vantagem competitiva nacional. As políticas bem-sucedidas funcionam nas indústrias onde os determinantes subjacentes da vantagem nacional estão presentes e onde o governo

---

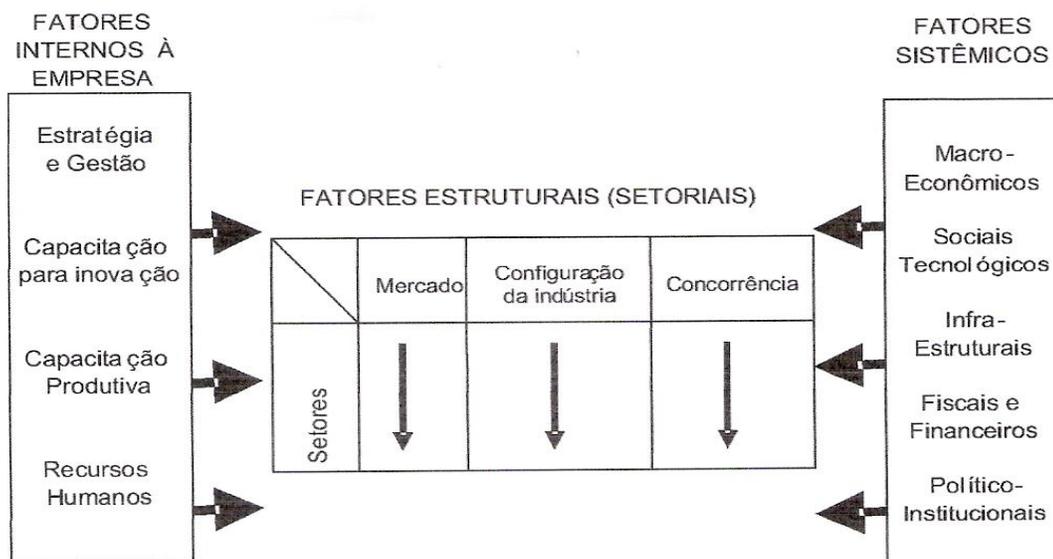
<sup>3</sup> Porter define indústrias de apoio como “aquelas em que empresas podem partilhar atividades na cadeia de valores através das indústrias (por exemplo, canais de distribuição, desenvolvimento de tecnologia) ou transferir conhecimentos protegidos pelo direito de propriedade de uma indústria para outra” (1989, p.150).

os reforça” (1989, p.148). Dessa forma, cabe ao governo apressar ou aumentar as probabilidades de obter vantagem competitiva, mas ele não possui o poder de criá-la.

No Brasil, o Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira (ECIB), desenvolvido nos anos 90, coordenado por Luciano G. Coutinho, do Instituto de Economia da UNICAMP, e João Carlos Ferraz, do Instituto de Economia Industrial da UFRJ, inclui como fator importante para a competitividade o diálogo direto entre os atores sociais: empresários, trabalhadores, autoridades governamentais, acadêmicos e servidores públicos.

Para Coutinho e Ferraz, “a competitividade pode ser vista como a produtividade das empresas ligadas à capacidade dos governos, ao comportamento da sociedade e aos recursos naturais e construídos, e aferidos por indicadores nacionais e internacionais, permitindo conquistar e assegurar fatias do mercado” (1993, p.11). Os determinantes da competitividade sistêmica foram subdivididos, no ECIB, em três grupos, conforme mostra a figura 04.

**Figura 04 – Fatores Determinantes da Competitividade da Indústria (Empresa ou Nação).**



Fonte: Coutinho e Ferraz, 1993, p.21.

**Fatores Internos à Empresa** – são fatores que estão sob as decisões das empresas ou indústrias. Através da eficiência administrativa, as indústrias diferenciam-se de seus competidores e criam vantagens competitivas.

**Fatores Estruturais** – são aqueles fatores que, mesmo não sendo totalmente controlados pela indústria, estão parcialmente sob a sua área de influência e definem o ambiente competitivo enfrentado pelas indústrias.

**Fatores Sistêmicos** – correspondem aos fatores externos às indústrias, mas também afetam as características do ambiente competitivo e podem ser relevantes nas vantagens competitivas que as indústrias de um país possuem ou deixam de possuir em relações às suas rivais na competição internacional. Esses fatores podem ser de natureza: macroeconômicas; político-institucionais; regulatórios; infra-estrutura; sociais; fatores referentes à dimensão regional (que engloba os aspectos relativos à distribuição espacial da produção); e, por fim, fatores de escala internacional.

De uma maneira geral, a diferença fundamental entre os dois modelos está na maneira de conceber as políticas públicas como um dos fatores determinantes para a competitividade das indústrias ou não. O modelo do ECIB dá ênfase maior às políticas públicas como determinantes das vantagens das indústrias, enquanto o modelo de competitividade desenvolvido por Porter restringe o papel do governo apenas a influenciar os quatro atributos que determinam a competitividade em seu modelo. Os dois modelos de competitividades sistêmica aqui apresentados compreendem a competitividade como resultado da atuação conjunta de forças de mercado e forças que não estão relacionadas ao mercado e estão fora do alcance das indústrias, mas mesmo assim são fundamentais para o sucesso competitivo destas.

Diante do exposto, pode-se afirmar que o estudo dos fatores de competitividade sistêmica é de grande importância para avaliar o potencial de crescimento econômico de uma indústria, região ou nação. A análise de seu conjunto de fatores, nos mais diferentes níveis, permite que se avaliem todos os aspectos relevantes para o desenvolvimento econômico das nações através de suas indústrias, podendo-se, também, identificar os pontos fortes e fracos de determinado setor econômico ou mesmo de uma região, o que pode auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas e estratégias empresariais para o fortalecimento econômico, em escala regional, nacional ou internacional. Desta forma, como afirmam Diniz Filho e Vicentini, “o conceito de competitividade sistêmica apresenta necessariamente uma dimensão geográfica, na medida em que trata das inter-relações entre inúmeros fatores de produção que possuem expressão espacial e que ocorre em escalas

variadas, que vão do regional ao global” (2004, p. 113). Dessa forma, o conceito de competitividade sistêmica, por agrupar os fatores competitivos em diferentes níveis, foi fundamental para identificar, na mesorregião Sudoeste, os fatores que condicionaram a implantação e o desenvolvimento da indústria de confecções bem como sua competitividade atual. Na próxima seção, analisa-se a competitividade da indústria de confecção nacional, a partir do modelo de competitividade sistêmica desenvolvida por Coutinho e Ferraz para o Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira.

## **COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO BRASILEIRA**

A indústria de confecção<sup>4</sup> brasileira não difere das outras indústrias quanto aos fatores condicionantes de competitividade. Para levantar os fatores determinantes da competitividade do complexo têxtil e, conseqüentemente da indústria de confecção, Coutinho e Ferraz seguiram o modelo desenvolvido para o estudo da competitividade da indústria brasileira como um todo, o qual está subdividido em três grupos de condicionantes: fatores internos à empresa; fatores de natureza estrutural – pertinentes aos setores e complexos industriais - e fatores de natureza sistêmica.

Nos fatores internos à empresa, ou fatores empresariais, o Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira (ECIB), coordenado por Coutinho e Ferraz (1993a e 1993b), constatou que a indústria de confecção brasileira possuía uma fraca adoção de estratégias empresariais e de capacitação tecnológica e gerencial. Praticamente inexistiam processos de integração e cooperação entre as indústrias; havia grande disparidade tecnológica entre elas e a utilização de técnicas organizacionais modernas ainda era restrita no setor.

Nos fatores estruturais, o estudo do ECIB (1993a, p.44/45) apontou a heterogeneidade da indústria de confecção como responsável pelos diferentes desempenhos e inserções competitivas. Apenas poucas indústrias conseguiram

---

<sup>4</sup> Nesta pesquisa quando há referência à indústria de confecção deve ficar claro que se trata da indústria de confecção de artigos do vestuário, código 18 da classificação do Código Nacional da Atividade Empresarial (CNAE), grupo 181, classificação feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE.

reunir as capacitações necessárias para uma penetração competitiva no mercado internacional, e essas são, em geral, grandes indústrias com boa atualização tecnológica e organizacional.

Entre os fatores sistêmicos que dificultavam o aumento da competitividade da indústria de confecção, no início da década de 1990, conforme o estudo do ECIB (1993a, p.46 e 1993b, p.40), encontrava-se a ausência de crescimento da renda nacional, uma vez que a produção era voltada fundamentalmente para mercado interno.

Outro fator importante, que contribuía (e ainda contribui) negativamente para o aumento da competitividade do setor, é o sistema tributário, com sua complexidade e abrangência. “Os impostos em cascata elevam os custos dos insumos, bens de capital e do produto final sem a oportunidade de serem desonerados nas exportações” (Idem, 1993b, p.47). A “guerra fiscal” entre as Unidades da Federação também se constitui num condicionante negativo para o aumento da competitividade do setor de confecção. Essa prática – que pode ser tanto a isenção do ICMS como a permissão para pagamento desses benefícios a prazos dilatados e sem correção dos débitos fiscais – introduz distorções ao incentivar realocização industrial em condições de tratamento tributário instáveis.

A alta carga tributária sobre os encargos sociais, que, segundo a ABRAVEST (2006, p.06), chegava a 117%, é outro fator que desfavorece a competitividade do setor de confecção nacional, intensivo em mão-de-obra.

Em relação à questão internacional, o estudo do ECIB considera como principais fatores de competitividade sistêmica a proteção tarifária, condições de acesso aos principais mercados e o Mercosul.

O complexo têxtil, em 1990, foi o primeiro setor produtivo a antecipar a abertura comercial. Esse processo que liberalizou as importações não teve acompanhamento de mecanismos eficazes como apoio à capacitação tecnológica e redução da carga tributária para que as indústrias brasileiras conseguissem competir de igual para igual com as indústrias estrangeiras. Segundo o SEBRAE (2006), os juros elevados, o câmbio defasado e os impostos somaram uma contra-força que desalinhou a competitividade da indústria de confecção em relação à concorrência internacional.

No entanto, a abertura de mercado com redução de alíquotas para importação de confeccionados, conforme a ABRAVEST (2006, p.08), em alguns

aspectos, foi considerado útil ao setor, levando-o ao seu reposicionamento de forma a competir com os concorrentes internacionais.

A abertura econômica do início dos anos de 1990, que provocou grande aumento das importações de produtos de confecções vindos da China e da Índia, principalmente, após meados da década, quando ocorreu o fortalecimento da moeda nacional, fez com que a indústria de confecção nacional passasse por forte reestruturação. Boa parte das indústrias que conseguiram sobreviver à abertura econômica foram modernizadas.

Outro fator relevante para a competitividade da indústria nacional, conforme a FIEMG (2006, p.01), está na utilização de novas matérias-primas. O Brasil passou a ter acesso, com a abertura do mercado, aos mercados internacionais que fabricam tecidos modernos a preços competitivos. Além disso, segundo ABRAVEST (2006, p.11), na fase de desenho e corte houve grandes avanços com a introdução da tecnologia CAD/CAM, permitindo a economia de tecidos e ganhos de velocidades nas etapas de criação, especificação técnica das peças e modelagem. Porém, a subcontratação ou a terceirização da produção nas fases de costura e montagem das peças, segundo a referida fonte, ainda continuam sendo usada como estratégia empresarial pelas indústrias nacionais, visando principalmente contornar obrigações sociais, ou seja, essa estratégia vem sendo confundida no Brasil com informalização da mão-de-obra para diminuir custos.

A criação de marcas próprias e a formação de pólos regionais, segundo a ABRAVEST (2006, p.11), atualmente, vêm sendo adotadas como estratégias empresariais para aumentar a competitividade da indústria nacional frente aos seus competidores nacionais e internacionais. Do mesmo modo, vem ocorrendo no Brasil uma realocação espacial da indústria para regiões que ofereçam mão-de-obra abundante e de menor custo, carga tributária mais baixa e incentivos fiscais.

Devido a essas estratégias e à modernização de boa parte das indústrias nacionais, segundo a FIEMG (2006, p.02), algumas indústrias passaram a exportar parte de sua produção.

Diante disso, pode-se dizer que, após o setor de confecção nacional ter enfrentado uma grave crise com a abertura da economia, medidas mais consistentes vêm sendo adotadas na tentativa de melhorar a competitividade da indústria em relação aos produtos internacionais. Afinal, cada vez mais vem ocorrendo a

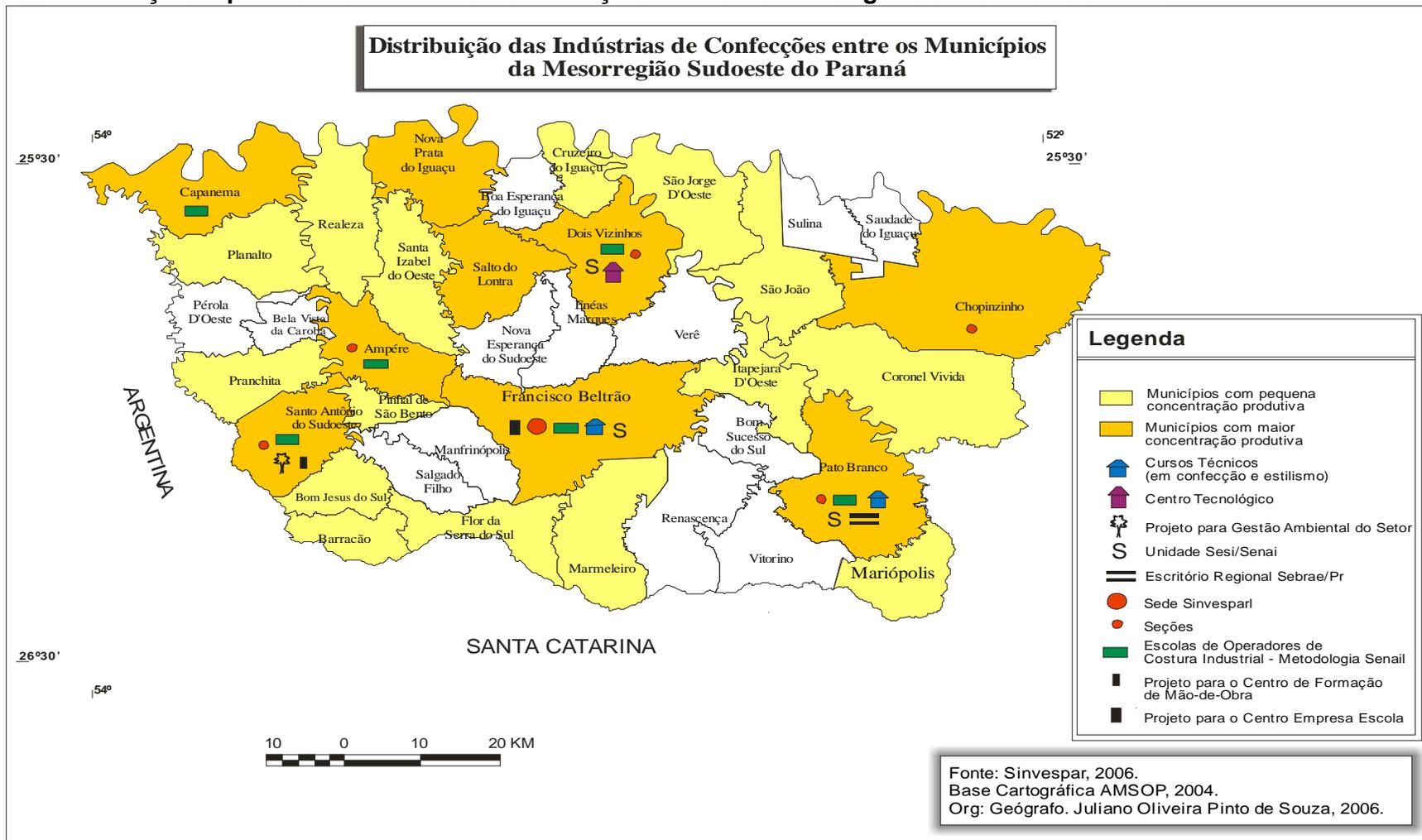
eliminação das barreiras mercantis entre os países, tornando os mercados mais globalizados.

### **IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO NA MESORREGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ**

A crise econômica que atingiu a indústria de confecção, nos anos de 1990, devido a abertura da economia ao mercado externo intensificou o “espraiamento” regional dessa indústria sobrevivente à ela, antes fortemente concentrada na região Sudeste do País. Algumas regiões que ofereciam maiores vantagens competitivas para o desenvolvimento dessas tiveram seu parque industrial de confecção ampliado pelo deslocamento de indústrias antes instaladas na região Sudeste do País, enquanto outras observaram crescimento de seu setor industrial de confecção através da implantação de dezenas de novas unidades produtivas, mais adequadas ao novo contexto econômico, que vieram substituir as indústrias antigas que foram à falência com a chegada da crise ocasionada pela abertura da economia ao mercado externo e, conseqüente, crescimento das importações de confeccionados.

Na Mesoregião Sudoeste do Paraná, as primeiras unidades industriais de confecção foram implantadas no final da década de 1970 e início da década de 1980, mas somente a partir do início dos anos de 1990 o setor teve crescimento expressivo e territorializou-se pela maioria dos municípios, conforme mapa 01. A indústria de confecção, por exigir pouco nível tecnológico e pequeno investimento de capital, foi uma das indústrias precursoras do processo de industrialização da região Sudoeste do Paraná e, assim como ocorreu no início da industrialização brasileira, se tornou um dos setores mais importantes para o desenvolvimento econômico da Região. A origem da indústria de confecção na região Sudoeste vem da transformação dos alfaiates, na década de 1970 e 1980, em unidades industriais, surgindo, segundo IPARDES (2005, p.21), primeiramente nos municípios de Francisco Beltrão e Ampére. O sucesso dos primeiros empreendimentos motivou o surgimento de muitos outros que estão presentes em 25 dos 37 municípios que compõem a região Sudoeste.

**MAPA 01 – Distribuição Espacial das Indústrias de Confeção dentro da Mesorregião Sudoeste do Paraná.**



Na década de 1990, em função da abertura da economia ao mercado externo e com isso o crescimento das importações de artigos de confecções chineses e coreanos que tomaram o mercado nacional, o setor de confecção do Sudoeste, da mesma forma que ocorreu nas outras regiões do País, passou por forte reestruturação industrial, tendo como principal consequência o fechamento de dezenas de unidades industriais e o encerramento de centenas de postos de trabalho.

Contraditoriamente, na região Sudoeste, esse mesmo processo que causou o encerramento das atividades de várias unidades industriais – menos eficiente ou com custos de produção mais elevados – e o declínio das atividades daquelas que conseguiram sobreviver à crise, fez com que dezenas de novas unidades industriais mais adequadas ao novo contexto de maior competitividade fossem surgindo na Região, pois, segundo o SINVESPAR (2005, p.02), trabalhadores que foram despedidos e que tinham algum conhecimento no setor adquiriram máquinas e equipamentos e montaram seu próprio negócio como forma de sobreviver à crise que se instalou, na época, em todo o País, levando a um expressivo crescimento do parque industrial de confecção do Sudoeste. Entre os anos 1990 e 2003, segundo o Diagnóstico setorial da indústria de confecções do Sudoeste do Paraná (2004, p.03), o setor de confecção do Sudoeste teve um crescimento de 157%, passando de 115 unidades industriais, em 1990, para 296 em 2003. EM 2006, o parque industrial de confecção da Mesorregião Sudoeste (37 municípios), segundo o SINVESPAR (2006, p.07), é composto por 378 unidades industriais, gerando aproximadamente 5.280 empregos diretos e 2.500 indiretos com uma produção estimada de 16 milhões de peças por ano.

No que se refere ao porte das indústrias tem predominância as micro e pequenas, com uma participação de 93%. As indústrias de médio porte correspondem a 6,5% e de grande porte a 0,5%. A distribuição das indústrias entre os municípios da Mesorregião Sudoeste pode ser observada no mapa 01.

Segundo IPARDES (2004, p.85), o setor de confecção, em 2002, era o segundo setor industrial com maior participação no VAF da indústria regional, com 7,4% do total produzido, e, em 2003, o segundo maior gerador de postos de trabalho com uma participação de 23,5%, perdendo apenas para a agroindústria.

## FATORES COMPETITIVOS QUE MOTIVARAM A IMPLANTAÇÃO DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO NA MESORREGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ

Os fatores competitivos que motivaram a implantação da indústria de confecção na região Sudoeste, bem como as perspectivas dessa indústria para os próximos anos foram levantados a partir dos dados coletados em pesquisa de campo junto às indústrias de confecção<sup>5</sup>. O questionário de pesquisa aplicado nas indústrias foi orientado para a identificação das fontes das vantagens competitivas da indústria de confecção, com base na bibliografia disponível sobre os condicionantes da competitividade apresentada na primeira seção deste artigo.

Como já mencionado anteriormente, nos últimos anos, especialmente na década de 1990, o setor industrial de confecção da Mesorregião Sudoeste do Paraná teve forte crescimento em número de unidades industriais e os fatores que motivaram a instalação das indústrias de confecção na Mesorregião Sudoeste, tanto na década de 1990 como nas décadas anteriores e posteriores, podem ser observados na tabela 01.

**TABELA 01 – Fatores que motivaram a instalação das indústrias de confecção na Mesorregião Sudoeste do Paraná.**

Fatores	Nº de Indústrias	%
O Proprietário residia na região.	21	51
Disponibilidade e custo de mão-de-obra.	10	25
Doação de terrenos, barracão e incentivos fiscais.	6	15
Mão-de-obra qualificada.	2	5
Proximidade geográfica com o mercado fornecedor e consumidor.	1	2
Não respondeu.	1	2
<b>Total*</b>	<b>41</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de Campo – 2006

\* O total de respostas é superior ao número da amostra porque o empresário poderia apresentar mais de uma resposta.

<sup>5</sup> A escolha das indústrias para aplicar o questionário, devido à grande quantidade de unidades industriais de confecção existentes na região (378 unidades), foi feita pelo seu porte, utilizando a classificação feita pelo Sebrae, que tem como critério o número de funcionários: segundo o Sebrae (2006), é considerada microempresa as indústrias que empregam até 19 funcionários; pequena empresa as indústrias que empregam de 20 a 99 funcionários; indústrias de médio porte às que empregam de 100 a 499 funcionários e de grande porte as que empregam acima de 499 funcionários. Como na Mesorregião Sudoeste 0,5% das indústrias de confecção são de grande porte e 6,5% são de porte médio, das 378 indústrias existentes, 26 constituem o universo da pesquisa; são 02 de grande porte: uma com 520 funcionários e uma com 1.150; e 24 de porte médio. O questionário foi aplicado nas 26 unidades industriais que compõem o universo da pesquisa.

O que mais pesou na escolha da Região Sudoeste para a instalação das unidades industriais de confecção foi o fato de o empresário residir na própria Região (51%). Essa predominância, em parte, é decorrente do perfil dos empresários da Região que, quando iniciaram suas indústrias, em sua maioria, possuíam pouco capital para investir no negócio, caracterizando uma indústria familiar voltada à sobrevivência. Na década de 1990, esse fato foi ainda mais evidente: como consequência do encerramento de centenas de postos de trabalho devido à crise, a mão-de-obra residente na Região que detinha bom conhecimento sobre o setor montou seu próprio negócio como forma de sobrevivência.

Além disso, a disponibilidade e custo da mão-de-obra e os incentivos governamentais como doação de terrenos, barracões e incentivos fiscais foram apontados por 25% e 15%, respectivamente, do total das respostas (41) como fatores que influenciaram na escolha da Região para a instalação das indústrias.

Sobre as maiores vantagens competitivas que as indústrias de confecção encontram na Região Sudoeste em comparação a outras regiões do Estado ou do País, a importância dos incentivos governamentais ofertados na Região, o custo da mão-de-obra pago pelo setor e a disponibilidade de mão-de-obra apresentam-se como as principais vantagens competitivas que a Região Sudoeste oferece para o desenvolvimento da indústria de confecção, como mostra a tabela 02.

**TABELA 02 – Maiores Vantagens Competitivas que a Indústria de Confecção encontra na Mesorregião Sudoeste em Comparação a outras Regiões do Estado ou País.**

Vantagens	Nº de Indústrias	%
Incentivos governamentais, como doação de terrenos e barracão e incentivos fiscais.	13	26
Mão-de-obra barata.	10	20
Mão-de-obra abundante.	8	16
Qualidade da infra-estrutura local.	8	16
Mão-de-obra qualificada.	6	12
Proximidade com o mercado fornecedor.	1	2
Persistência dos empresários.	1	2
Criatividade.	1	2
Não Respondeu.	2	4
<b>Total*</b>	<b>50</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de Campo - 2006

\* O total de respostas é superior ao número da amostra porque o empresário poderia apresentar mais de uma resposta.

Um em cada dois dos empresários entrevistados recebeu benefícios governamentais para a implantação de sua indústria na Região, principalmente doação de terrenos e barracões. Isso evidencia um estímulo por parte do setor público para a implantação de indústrias dessa natureza na Região. Além disso, a indústria de confecção do Sudoeste do Paraná está entre as que pagam os menores salários se comparada a outras regiões do Estado e do País<sup>6</sup>.

Os fatores oferta de mão-de-obra e mão-de-obra qualificada também foram citados pelos entrevistados como vantagem da região Sudoeste para o desenvolvimento da indústria de confecção, com um percentual 16% e 12% das respostas, respectivamente. A oferta de mão-de-obra qualificada ocorre na Região em menor nível e não privilegia todas as indústrias, fator que foi motivo de queixa de alguns entrevistados. Outro fator que está entre os mais citados pelos entrevistados, na tabela 02, como vantagem competitiva para a indústria de confecção, na região Sudoeste, é a infra-estrutura local (transporte, energia, telecomunicação), aparecendo com um percentual de importância de 16% (08 das 50) das respostas. Em comparação com a infra-estrutura que existia na Região quando as primeiras indústrias foram implantadas, os empresários do setor reconhecem que a infra-estrutura existente, atualmente, na Região melhorou consideravelmente e em virtude de alguns dos entrevistados terem vivenciado períodos difíceis com a infra-estrutura a Região, principalmente em relação ao transporte de matéria-prima, reconhecem que esse setor teve grandes avanços.

No que se refere às perspectivas da indústria de confecção da região Sudoeste, foi possível observar que o fim do Acordo Multifibras e do Acordo de Têxteis e Vestuários ofuscaram as perspectivas de crescimento dessa indústria,

---

<sup>6</sup> No primeiro semestre de 2006, enquanto o setor de confecção da Região Sudoeste pagava um salário de 373 reais, o salário pago pela indústria de confecção da região Oeste do Paraná, segundo o Sindicato da Indústria de Vestuário do Oeste do Paraná - SINDWEST - era de 400,89 reais, equivalendo a uma diferença de 9,3%. Já na região Norte Central, onde se situa o APL de confecção de Maringá, o salário pago pelo setor, no mesmo período, segundo o Sindicato dos Alfaiates, Costureiras e Trabalhadores na Indústria de Confecção de Roupas de Maringá – SINCONFEMAR, era de 430 reais, ou seja, 15% superior ao salário pago na região Sudoeste. Em relação a outros estados do País, como Santa Catarina e São Paulo, por exemplo, as diferenças salariais são ainda maiores. Em Santa Catarina, o salário pago pelo setor de confecção às costureiras, no primeiro semestre de 2006, na região de Blumenau e Brusque, segundo o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis e Fiação de Blumenau, variava em torno 450 a 700 reais dependendo do porte da empresa. Já em São Paulo, capital, o salário pago no mesmo período, segundo o Sindicato das Costureiras de São Paulo e Osasco, era de 624,56 reais.

conforme a tabela 05, por deixar as importações mais livres com o fim das barreiras comerciais; para os entrevistados representa um maior volume de importação de artigos internacionais, principalmente vindos da China e Coréia que, em função dos baixos salários pagos pelo setor nesses países e da pequena carga tributária, produzem artigos bem mais competitivos em custos que a indústria nacional.

**TABELA 05 – Perspectiva da Indústria de Confecção da Mesorregião Sudoeste do Paraná para os Próximos Anos.**

<b>Perspectivas</b>	<b>Nº de Indústrias</b>	<b>%</b>
Retração no crescimento da indústria em função do fim do Acordo Multifibras e do Acordo de têxteis e Vestuários.	11	42
Continua tudo como está, pois não há perspectiva de grandes mudanças na política econômica.	6	23
Será um período melhor do que os últimos anos.	5	20
As perspectivas são ótimas, pois as perspectivas da política econômica tanto nacional como regional é favorável ao crescimento da indústria de confecção.	3	11
Não respondeu.	1	4
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de Campo - 2006

Dos 26 entrevistados 11, ou seja, 42%, possuem uma perspectiva pouco otimista sobre o futuro da indústria de confecção da região Sudoeste para os próximos anos devido à liberalização do comércio desse setor. Para eles, a perspectiva para os próximos anos é de retração no crescimento da indústria em função da entrada de maior quantidade de artigos importados no mercado nacional, o que trará dificuldades para a indústria da Região colocar seus artigos no mercado. Alguns dos entrevistados afirmaram que essa dificuldade já vem ocorrendo atualmente, principalmente com os artigos básicos que são os que mais possuem volume de venda. No entanto, se há aqueles que não estão tão otimistas quanto às perspectivas dessa indústria, há também os que não vêem problemas quanto ao futuro da indústria da Região: é possível perceber, pela análise dos dados acima, que, entre os entrevistados, há um número maior de empresários com boas perspectivas para o futuro da indústria de confecção da região Sudoeste (54%) do que o número de entrevistados com perspectivas de retração do crescimento da

indústria (42%), o que representa que a maioria dos entrevistados estão aposta na política econômica à nível nacional e regional.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As reflexões teóricas, as informações empíricas e a articulação entre elas, sistematizadas nesta pesquisa, permitiram identificar fatores que condicionaram a implantação da indústria de confecção na Mesorregião Sudoeste e as perspectivas dessa indústria para os próximos anos.

A indústria de confecção da região Sudoeste, experimentou forte crescimento na década de 1990 e nos primeiros anos deste novo século. Tal crescimento lhe conferiu destaque na economia sudoestina, passando a responder pela segunda posição entre os setores industriais que mais geram emprego e renda. O crescimento do setor de confecção na região Sudoeste, de uma forma geral, pode ser considerado um fator positivo para a economia regional. Contudo, foi possível observar durante a pesquisa que a economia industrial da região está fortemente centrada em alguns poucos segmentos, caso da indústria de confecção e da indústria alimentícia, o que pode representar risco para a economia regional, especialmente no que se refere a indústria de confecção, já que uma crise nesse setor pode desestabilizar a economia regional. Para a Região, o melhor é diversificar sua economia, pois, se um setor estiver em crise, outros mantêm o dinamismo econômico necessário para seu desenvolvimento.

A pesquisa de campo revelou que as indústrias de confecção existentes na Região Sudoeste são indústrias domésticas que tiveram origem na própria Região, através de iniciativas de empreendedores que já residiam e trabalhavam nessa Região antes de implantar sua indústria, e que, em grande parte, o fato de residirem na Região Sudoeste influenciou a escolha dessa Região para a implantação de sua indústria de confecção.

Fatores que, sem dúvida, impulsionaram a implantação da indústria de confecção na Região Sudoeste foram a disponibilidade de mão-de-obra existente na Região e custo de mão-de-obra pago pelo setor, além dos incentivos governamentais como doação de terrenos, barracões e incentivos fiscais, apontados por indústrias mais recentes. A mão-de-obra qualificada, embora em porcentagem

bem menor, também foi apontada como fator que influenciou na escolha da Região Sudoeste para a implantação da indústria na Região.

Diante disso, pode-se afirmar que a indústria de confecção, pelas suas características de elevada heterogeneidade e requisitos relativamente baixos de investimento em capital e tecnologia, encontrou na Região Sudoeste condições propícias para desenvolver-se devido à disponibilidade de fatores básicos de produção ali existentes.

As perspectivas dos entrevistados para a indústria de confecção da Região Sudoeste para os próximos anos são, em sua maioria, positivas, apesar da insegurança de alguns entrevistados devido ao fim dos acordos comerciais sobre têxteis e vestuários. Porém, o que se observa, atualmente, é uma contínua expansão do número de unidades industriais desse setor na Região Sudoeste, assim como no crescimento das plantas industriais, o que representa uma ascensão desse setor nos últimos anos, na Região.

Observa-se, assim, que entre a indústria de confecção e a região Sudoeste há reciprocidade de trocas. Enquanto a indústria de confecção encontra na Região Sudoeste condições apropriadas para se desenvolver, a região Sudoeste é recompensada pela sua produção de renda e geração de emprego.

## REFERÊNCIAS

ABRAVEST, Associação Brasileira do Vestuário. **Dados do Setor de Confecções Têxteis**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.abraviest.org.br>>. Acessado em: 28/02/2006.

COUTINHO, Luciano G.; FERRAZ, João Carlos (Coord.). **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira: Competitividade do complexo têxtil**. Campinas, 1993a. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br>>. Acesso em 22/02/2006.

\_\_\_\_\_. **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira: Competitividade da indústria do Vestuário**. Campinas, 1993. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br>>. Acesso em 22/02/2006.

\_\_\_\_\_. **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira: Relatório Final**. Campinas, 1993. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br>>. Acesso em 22/02/2006.

DINIZ FILHO, L. L.; VICENTINI, Y. **Teorias Espaciais Contemporâneas: o conceito de competitividade sistêmica e o paradigma da sustentabilidade ambiental**. Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://www.calvados.c3sl.ufpr.br>>. Acesso em 31/01/2006.

FIEMG, Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais. **Panorama Nacional: O vestuário no Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://www.fiemg.org.br>>. Acesso em 02/07/2006.

FURTADO, Milton B. **Síntese da Economia Brasileira**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científico Editora LTAD, 1988. 5ª edição.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Classificações Estatísticas: CNAE 1.0, seção D – indústria da transformação**. 2006. Disponível em: <<http://www.cnae.ibge.gov.br>>. Acesso em 13/01/07.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social; Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral. **Identificação, Caracterização, Construção de Tipologia e apoio na Formulação de Políticas para os Arranjos Produtivos Locais (APLs) do Estado do Paraná: etapa 3 – caracterização estruturar preliminar dos APLs pré-selecionados e notas metodológicas para os estudos de caso**. Curitiba, 2005.

PEREIRA, Odair j. et al.. **A Gestão Organizacional no Setor Têxtil: Limites e desafio diante dos novos paradigmas da aldeia global**. Maringá, s/d. Disponível em <<http://www.ead.fea.usp.br>>. Acesso em 07/03/06.

PORTER, Michael E. **A Vantagem Competitiva das Nações**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

SEBRAE. **Ações e Principais Iniciativas de Apoio à Cadeia no Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>>. Acesso em 28/06/2006.

SINVESPAR. **Arranjo Produtivo Local Moda Sudoeste do Paraná**. 2005. Disponível em <<http://www.sinvespar.com.br>>. Acesso em 29/03/2006.

SINVESPAR. **APL Moda Masculina Sudoeste do Paraná: Plano de desenvolvimento o Arranjo Produtivo Local de Moda Masculina do Sudoeste do Paraná**. 2006. Disponível em <<http://www.sinvespar.com.br>>. Acesso em 21/06/2006.

IPARDES. **Leituras Regionais: mesorregião geográfica Sudoeste do Paraná**. Curitiba, 2004a, versão completa. Disponível em <<http://www.ipardes.pr.gov.br>>. Acesso em: Julho/ 2005.